

“Não importa quantos cisnes brancos você veja ao longo de sua vida. Isso nunca lhe dará certeza de que cisnes negros não existem.”

Karl Popper

Internacional

No primeiro mês de 2022, duas forças principais estão atuando sobre a economia global. Por um lado, a perspectiva do fim da fase aguda da pandemia, com o rápido avanço de uma variante mais branda, gerou maior otimismo com relação a volta à normalidade pré-pandemia. Por outro lado, a inflação segue surpreendendo no mundo e os Bancos Centrais estão progressivamente mais preocupados com um quadro de superaquecimento. Em destaque, nos últimos meses, o FED mudou de forma importante sua narrativa tanto sobre o mercado de trabalho quanto sobre a inflação, indicando que o primeiro se encontra em pleno emprego e o último mostra sinais de maior difusão das pressões. Nesse sentido, cresce a probabilidade de um aperto monetário mais incisivo por parte da autoridade monetária americana.

Brasil

Os bons resultados fiscais de curto prazo continuaram sendo compensados por elevação do risco nas dinâmicas de médio e longo prazos. A discussão sobre o reajuste do funcionalismo e a desoneração de combustíveis, cuja proposta deve ser apresentada em breve, são os dois exemplos mais recentes disto. A desoneração de combustíveis, além de apresentar um custo elevado e efeito bastante incerto para o consumidor final, fragiliza ainda mais nosso arcabouço fiscal ao flexibilizar a Lei de Responsabilidade Fiscal. Desta forma, a medida é um vetor para elevação do juro real neutro. O risco fiscal volta, portanto, a ser um ponto crucial na reunião do Copom, se somando a uma inflação que segue surpreendentemente elevada e disseminada, e às expectativas que voltaram a piorar nas últimas semanas. Esta situação demanda uma postura mais firme do Banco Central, que deve buscar sinalizar claramente seu compromisso com a convergência da inflação para as metas.

Juros e Câmbio

Dando continuidade ao movimento iniciado no último trimestre do ano passado, os mercados de juros globais iniciaram o ano com uma forte alta nas curvas de juros. Os principais membros do FED endureceram a retórica de retirada de estímulos monetários por conta da preocupação crescente com o quadro inflacionário. A nova variante do vírus segue adicionando pressão às cadeias de produção e ao mercado de trabalho, deteriorando ainda mais o cenário inflacionário global. No mercado local, a curva de juros voltou a se elevar e, assim, praticamente neutralizou o alívio observado no fim do ano passado. Continuamos observando deteriorações no quadro fiscal e inflacionário, com alta probabilidade de piora por conta da corrida eleitoral mais à frente. Com isso, vemos ainda boas assimetrias nas posições tomadas em taxas nos EUA, assim como em alguns países emergentes, incluindo o Brasil. No livro de moedas, seguimos com uma posição comprada em dólar contra uma cesta de países emergentes, acreditando que o posicionamento mais duro por parte do FED deixará o dólar americano em vantagem frente às outras moedas.

Bolsa

O Ibovespa iniciou o ano com alta de 7,0%, enquanto o S&P e Nasdaq caíram 5,3% e 8,5% respectivamente. Como dito acima, o discurso mais *hawkish* do FED impactou as bolsas americanas negativamente, principalmente os papéis ligados a tecnologia. Este movimento gerou um fluxo positivo para empresas de valor (maior geração de caixa de curto prazo) como setor financeiro e de commodities, favorecendo a bolsa brasileira. Maiores estímulos fiscais e monetários do governo chinês acabaram ampliando este movimento. Como consequência, optamos por trocar parte da exposição líquida externa para local, deixando a carteira mais equilibrada. Continuamos a perseguir posições nos setores de tecnologia, bancário e energia. Estamos expandindo a exposição dos fundos, onde vemos excelentes oportunidades, principalmente nos mercados americano e brasileiro. Mas acreditamos que em um cenário de juros altos, a gestão ativa e de risco continuarão a ser muito importantes para uma performance consistente.

Rendimentos em Janeiro de 2022

FUNDOS	Mês	Acumulado ano	Desde o Início	Data de Início	Patrimônio (R\$ mil)	Taxa de Administração	Taxa de Performance
RENDA VARIÁVEL							
Occam FIC FI Ações*	6,52%	6,52%	204,96%	08/05/2012	1.086.881	2,00%a.a.	20% sobre IBOV
<i>Ibovespa</i>	6,98%	6,98%	85,77%				
Occam Long & Short Plus FIC FIM	-0,37%	-0,37%	151,15%	19/12/2012	243.904	2,00%a.a.	20% sobre CDI
<i>% CDI</i>	-	-	141%				
Occam Long Biased FIC FIM*	0,51%	0,51%	132,05%	15/04/2014	168.396	2,00%a.a.	20% sobre IPCA+6
<i>IPCA+6%</i>	1,05%	1,05%	147,21%				
MULTIMERCADO							
Occam Retorno Absoluto FIC FIM	0,70%	0,70%	201,80%	10/01/2013	1.759.092	2,00%a.a.	20% sobre CDI
<i>% CDI</i>	95%	95%	189%				
Occam Institucional II FIC FIM	0,52%	0,52%	122,90%	06/07/2012	1.072.679	1,00%a.a.	20% sobre CDI
<i>% CDI</i>	71%	71%	108%				
Occam Equity Hedge FIC FIM	0,61%	0,61%	230,20%	22/03/2010	861.852	2,00%a.a.	20% sobre CDI
<i>% CDI</i>	83%	83%	135%				

* Por alterações em regulamento, os fundos Occam FIC FI Ações e o Occam Long Biased FIC FIM mantêm os seus históricos junto à Anbima a partir de 08/05/2012 e 15/04/2014, respectivamente.

Occam Brasil Gestão de Recursos

Rua Dias Ferreira, 190
Sala 402 Leblon - Rio de Janeiro RJ
CEP 22431-050

BNY Mellon Serviços Financeiros Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S.A.

Av. Presidente Wilson, 231
11º, 13º e 17º andares Centro - Rio de Janeiro RJ
CEP 20030-905

BEM Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários Ltda

Cidade de Deus - Prédio Prata - 4º Andar - Vila Yara
Osasco - SP
CEP: 06029-900